



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Marcela Borges de Andrade

Me aposentei, e agora?

*Histórias que mostram uma nova perspectiva sobre a saída do
mercado de trabalho*

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
disciplina de *Projetos Experimentais*, ministrada pela
Prof^ª. Gislene Silva no segundo semestre de 2014

Orientador: Prof. Jorge Kanehide Ijuim

Florianópolis
Novembro de 2014.

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2014.2		
ALUNO	Marcela Borges de Andrade		
TÍTULO	<i>Me aposentei, e agora?</i> Histórias que mostram uma nova perspectiva sobre a saída do mercado de trabalho		
ORIENTADOR	Jorge Kanehide Ijuim		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	<input checked="" type="checkbox"/> Florianópolis <input type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Região Sul <input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Internacional País: _____
ÁREAS	Aposentadoria, trabalho, voluntário, envelhecimento, saúde.		
RESUMO	<p>O aumento da expectativa de vida do brasileiro é tema recorrente na imprensa, assim como o crescimento acelerado do número de aposentados no país. Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma série de reportagens que pretende mostrar a rotina de pessoas que decidiram usufruir o tempo disponível da aposentadoria para traçar novos objetivos, investindo em atividades para manter mente e corpo em ação. A reportagem trata de pautas como (1) A importância de Programas de Preparação para Aposentadoria; (2) A volta ao mercado de trabalho; (3) Aposentadoria e Voluntariado e (4) Envelhecimento saudável e qualidade de vida.</p>		

Sumário

1	RESUMO	4
2	CONTEXTO	5
3	JUSTIFICATIVAS: tema e mídia impressa..	16
4	PROCESSO DE PRODUÇÃO	23
	4.1 Pesquisa e pré-produção	23
	4.2 Apuração	27
	4.3 Produção dos textos	48
	4.4 Diagramação e edição	50
5	IMPRESSÃO.....	52
6	DIFICULDADES E APRENDIZADOS	53
7	REFERÊNCIAS	56

1 RESUMO

O aumento da expectativa de vida do brasileiro é tema recorrente na imprensa, assim como o crescimento acelerado do número de aposentados no país. Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma série de reportagens que pretende mostrar a rotina de pessoas que decidiram usufruir o tempo disponível da aposentadoria para traçar novos objetivos, investindo em atividades para manter mente e corpo em ação. A reportagem trata de pautas como (1) A importância de Programas de Preparação para Aposentadoria; (2) A volta ao mercado de trabalho; (3) Aposentadoria e Voluntariado e (4) Envelhecimento saudável e qualidade de vida.

Palavras-chave: Reportagem. Aposentadoria e envelhecimento. Trabalho. Voluntariado. Velhice e saúde.

2 CONTEXTO

Atualmente, a expectativa de vida dos brasileiros é frequentemente pauta de jornais, revistas e programas de rádio e televisão. Esse acontecimento pode ser relacionado à afirmação feita no início deste ano pelo médico e presidente do Centro Internacional de Longevidade, Alexandre Kalache, durante o Fórum a Saúde do Brasil, em São Paulo. Segundo o especialista, nosso país passa pela revolução da longevidade, um fenômeno que pode ser considerado uma dádiva, mas traz consigo uma série de desafios.

Nos países desenvolvidos, onde o mesmo evento já ocorreu, houve enriquecimento antes do envelhecimento. No Brasil, a população envelhece em condições de pobreza, o que transforma a velhice em fardo, sobretudo no período da aposentadoria, quando, na maioria dos casos, há redução de renda. Por isso, ressalta-se a importância de políticas públicas que garantam qualidade de vida nessa nova etapa, promovendo o envelhecimento de maneira ativa.

Já diria um dos primeiros e mais renomados autores da Grécia Antiga, “o trabalho é a sina universal do Homem, porém aquele que estiver disposto a

trabalhar sobreviverá”. O pensador Hesíodo, no decorrer dos mais de 800 versos de seu poema *Os Trabalhos e os Dias*, defende a ideia de que a luta e a conquista deveriam fundamentar-se na justiça e no trabalho.

Pelo fato de criar recursos e também pela consideração social, o trabalho já agradava aos deuses na Antiguidade, pois proporcionava independência e fama aos homens. Ao longo da história, diferentes conceitos surgiram. No entanto, uma questão é unânime: independentemente da época, o trabalho sempre foi fundamental para o desenvolvimento humano. Como acreditavam Marx e Engels, ele é um elemento definidor do próprio ser do homem, tendo em vista sua capacidade de gerar condições reais de sua possibilidade de existência.

Antunes (2005) salienta que, através do trabalho, o indivíduo se torna significativo para a sociedade e se reconhece como alguém que aporta algo valioso em relação aos demais. As pessoas economicamente ativas sempre foram e ainda são valorizadas socialmente. Os rótulos de improdutivos e dependentes foram associados, ao longo dos anos, aos trabalhadores que envelheciam e eram afastados e discriminados pelo fato de não poderem mais oferecer a

energia e o esforço físico que o trabalho exigia em outras épocas, como destaca Neri (2009, p. 54)

Imersos nesta sociedade capitalista, na qual quem não tem emprego é considerado improdutivo e excluído socialmente, crescemos com o objetivo primordial de nos preparar para o mercado. A vida humana atual é pensada e organizada em função do trabalho, de seus horários e atividades, e até mesmo os relacionamentos pessoais são determinados de acordo com suas exigências.

Nesta perspectiva, o trabalho representa o papel de regulador da organização de nossas rotinas e planejamentos e é responsável por definir o sentido da existência humana. Antunes (2005) destaca também que, ao ingressar no mundo do trabalho, a pessoa entra num jogo dialético de sua realização: de seu desenvolvimento pessoal por meio de suas atividades, ou de sua alienação, como elemento pouco significante e substituível de uma cadeira produtiva, desenvolvendo o trabalho apenas como meio de sobrevivência.

Considerando este panorama, é justificável o fato de grande parte de a população encontrar tantas dúvidas e dificuldades para se desvincular do mesmo quando chega o momento de se aposentar.

A aposentadoria é considerada um fenômeno historicamente recente. Estudos mostram que ela surgiu no fim do século XIX, na Alemanha, durante o governo do Chanceler alemão Otto Von Bismarck, em que foi estabelecido um sistema nacional que assegurava o pagamento de uma pensão aos trabalhadores do comércio, indústria e agricultura, acima de 70 anos. A medida logo foi adotada pela Áustria e Hungria e espalhou-se por outros países. Ao criar este benefício, que atendia a reivindicações dos trabalhadores, o objetivo era combater as ideias socialistas que se difundiam pelo continente.

Inicialmente, a aposentadoria pretendia amparar os trabalhadores que atingissem idade avançada, se tornassem inválidos ou ficassem incapacitados para exercer qualquer tipo de profissão. Já no Brasil, a Previdência Social propriamente dita teve início a partir do Decreto nº. 4.682 de 1923, que criou a Caixa de Aposentadoria e Pensões para os empregados das Empresas Ferroviárias, extensivo aos familiares. Após alguns anos, essa mesma Lei estendeu o benefício aos trabalhadores marítimos, portuários, entre outros.

De acordo com Sinésio (1999), a conquista por esse direito contribuiu para amenizar as condições a que

os trabalhadores foram submetidos após a Revolução Industrial. No caso do Brasil, que é marcado por intensas desigualdades sociais, a aposentadoria é enfrentada com dificuldade, devido, também, às condições de trabalho oferecidas. Os salários precários obrigam os profissionais a trabalharem mais tempo, causando esgotamento físico e mental, podendo favorecer doenças e acidentes de trabalho, o que caracteriza a aposentadoria por invalidez.

Outro fator que deve ser considerado é que o trabalho de tempo integral, rotineiro e repetitivo, na maioria dos casos, impede que a pessoa desenvolva outras ações no decorrer dos anos, sejam profissionais ou de lazer. Partindo do ponto de vista de Zanelli & Silva (1996), ao observar que as atividades exercidas ao longo da vida servem de ponto de referência, sendo difícil desarticular-se delas, compreende-se a dificuldade do processo de aceitação da aposentadoria.

Na percepção de França (2002), as atitudes positivas ou negativas dos futuros aposentados em relação à aposentadoria são fortemente influenciadas pelo seu envolvimento e satisfação com o trabalho, pelo relacionamento com a família e o mundo social, e pela diversidade nas atividades e interesses com os quais

preenchem seu tempo livre. Nesse momento, como em todas as mudanças da vida, é importante buscar conhecer mais sobre a futura escolha, rever prioridades e pensar em planejar o futuro que está para chegar.

No entanto, como salienta Cooperman (1977), independentemente da idade, das necessidades individuais, da saúde e de outras circunstâncias, a aposentadoria, sobretudo na sociedade capitalista, representa inevitavelmente uma “crise de identidade”.

Simone de Beauvoir, em seu conceituado livro *A velhice*, sublinha a característica desta mesma sociedade de manter índices e graus elevados de valorização ao trabalho e ao lucro, o que reafirma e dá sentido a identificação profissional como realidade propulsora dos seres. Essa sociedade define o homem e mulher como indivíduos necessários para a produção e, ao mesmo tempo, manipula os desejos, anseios e valores de uma determinada classe. Sobre o assunto, a autora ainda coloca que:

É através de sua ocupação e de seu salário que o homem define sua identidade; ao se aposentar, perde essa identidade; um antigo mecânico não é mais um mecânico: não é nada [...] Aposentar-se é, portanto, perder o lugar na sociedade, perder a dignidade, e

quase a própria realidade. Além disso, os aposentados não sabem o que fazer do tempo livre, aborrecem-se. (Beauvoir, 1990, p.329)

Este ponto de vista é compartilhado por Schein (1982), que afirma que muitos dos problemas da aposentadoria resultam dos súbitos questionamentos que acompanham o encerramento formal da vida profissional. Partindo deste princípio e analisando o processo de retirada do mercado, o “deixar de trabalhar” poder ter significados antagônicos: tornar-se promotor de qualidade de vida ou de sofrimento.

Baixa autoestima, medo da instabilidade econômica, sentimento de inutilidade e depressão são algumas das características de muitos aposentados. Segundo Bossé, Aldwin, Levenson, & Workman-Daniels (1991), o afastamento do trabalho pode gerar ansiedade, principalmente pela falta de um planejamento que auxilie os trabalhadores a usufruir melhor o tempo nessa nova fase.

Na percepção de Dets (1993), a aposentadoria ocasiona afastamento e redimensionamento da natureza interpessoal, mas também possibilita novas formas de

ocupação do tempo, e conseqüentemente, novos comportamentos e novas auto percepções.

Fiske (1981) considera o fenômeno de aposentadoria como um período de transição na vida do indivíduo, semelhante a outros que já tenha vivenciado, como: concluir a escola, deixar o lar, começar a trabalhar, casar, ter o primeiro filho, etc. Todas essas situações podem gerar uma gama de efeitos subjetivos diferentes, logo, a aposentadoria pode ser percebida como um período satisfatório ou insatisfatório, de alívio, de perdas ou de indiferença.

Witczak (2005) reforça a ideia de que os sentimentos são antagônicos em relação à saída definitiva do mundo do trabalho: se por um lado, as pessoas sentem-se libertas do relógio, por outro, pesa-lhes a falta da rotina de tantos anos. Essa sensação cambiante entre alívios e tensões incorporadas pelo sujeito com a chegada da aposentadoria, como mostra Beauvoir, traz consigo a própria ambivalência que há, na maioria das vezes, no trabalho:

[...] que é ao mesmo tempo uma escravidão, uma fadiga, mas também uma fonte de interesse, um elemento de equilíbrio, um fator de integração à

sociedade. Essa ambiguidade reflete-se na aposentadoria, que pode ser encarada como grandes férias, ou como uma marginalização. (Beauvoir, 1990, p.325)

Neste contexto de mudanças, dúvidas e incertezas, França (2002) afirma que é essencial que sejam propostos programas de preparação para a aposentadoria nas organizações, enquanto planejamento para o futuro, para que essa transição ocorra de maneira tranquila, tendo consciência do evento em si.

Estudos comprovam que pensar e projetar o período pós-aposentadoria permite que o trabalhador experimente novas situações, descubra novos interesses e desenvolva aptidões antes desconhecidas. Com o auxílio de profissionais de diversas áreas, os aposentados têm a oportunidade de traçar novas metas, no âmbito da saúde, relacionamentos, atividades intelectuais, culturais e do próprio lazer.

É crescente o número de aposentados que buscam formas alternativas para manterem-se ativos, seja através de atividades físicas, trabalhos sociais, educativas, de atividades políticas, sindicais, em associações de classe ou até mesmo aqueles que retornam ao mercado. Contudo, para Quick & Moen

(1998), na aposentadoria, o trabalho, como uma atividade laborativa, formal ou não formal, remunerada ou voluntária, deverá ocupar um espaço compartimentado e realizado em período reduzido.

Ao mesmo tempo em que a sociedade considera a aposentadoria como um direito e uma conquista do trabalhador, ela desvaloriza o sujeito depois de aposentado. A principal representação social do envelhecimento é ser uma fase de não-trabalho, refletindo a crença de que a aposentadoria significa o começo do desengajamento social. De acordo com Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo (1999), isso ocorre, principalmente, pela valorização do trabalho como um patrimônio da juventude.

Não obstante as condições precárias e insuficientes da pós-aposentadoria para a terceira idade, a Previdência Social estimula os trabalhadores mais velhos a se aposentarem, com o argumento de que estão ocupando o lugar dos jovens que ingressam no mercado de trabalho e que necessitam mais. Para Skinner & Vaughan (1985), o fato de a juventude ganhar menos também encoraja as indústrias a oferecer pensões aos trabalhadores mais velhos, tornando a aposentadoria mais atraente.

Com o afastamento do trabalho e a diminuição das obrigações familiares, muitos aposentados aproveitam para exercer atividades comunitárias e ajudar ao próximo. Apesar de o trabalho voluntário atrair muitas gerações, o envolvimento das pessoas mais velhas é cada vez maior. Algumas buscam atender valores religiosos, outras querem retribuir o que receberam, muitos procuram passar adiante o legado profissional ou tem a intenção de exercer a cidadania.

Soma-se a esses eventos mencionados acima a questão do aumento acelerado da população idosa brasileira, nas últimas décadas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o número de pessoas com mais de 60 anos no Brasil, que em 2000 chegava a 14.536029, deve ultrapassar os 60 milhões, em 2050. Assim, torna-se cada vez mais comum debater sobre o envelhecimento, tanto na televisão, rádio, revistas, como em seminários e conferências. Dadas as circunstâncias, esse fenômeno, que ocorre também em outros países, carece de medidas de políticas sociais para atender às demandas dessa parcela cada vez mais numerosa da população.

Independentemente da configuração, o envelhecimento e aposentadoria estão interligados e são

certezas na trajetória de muitos indivíduos. Nem todas as pessoas da terceira idade passaram, necessariamente, pelo processo de aposentadoria. Há aquelas que nunca trabalharam na vida e outras que não pensam em sair do mercado, mas uma questão é certa: todos os aposentados, cedo ou tarde, vão começar a envelhecer.

Considerando os aspectos apresentados, esta série de reportagens se propõe a discutir a importância de um planejamento para esta nova etapa da vida, bem como mostrar diferentes histórias de pessoas na fase da pós-aposentadoria em busca de qualidade de vida.

3 JUSTIFICATIVAS: tema e mídia impressa

Ao longo de quatro anos de curso, aprendemos que um dos papéis fundamentais do jornalista é o de servir à comunidade em que está inserido, com informações e esclarecimentos que possam, de alguma forma, contribuir para modificar a realidade. De acordo com Nilson Lage (2001, p.23), o “repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”.

A partir desse princípio e de outras teorias estudadas durante a graduação, comecei a refletir sobre o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Como encontrar uma pauta relevante com uma angulação diferenciada no meio da imensidão de acontecimentos e notícias que nos deparamos diariamente? Depois de um tempo pensando no assunto, percebi que a inspiração inicial sempre esteve por perto, morando sob o mesmo teto que eu.

Após trinta e três anos de trabalho como professora no ensino público, em período integral, minha mãe resolveu que era a hora de se aposentar. Por um ano acompanhei seu medo e insegurança em relação a tomar ou não essa decisão. Repleta de receios e incertezas, ela se questionava como seria ficar um dia inteiro sem ouvir a voz das crianças brincando, sem toda aquela movimentação no pátio, sem planejar aulas, reuniões de pais, projetos e avaliações. A ideia de se afastar do ambiente escolar era amedrontadora. Por fim, o cansaço físico e mental falou mais alto e ela optou pela aposentadoria.

Buscando um maior aprofundamento no assunto através de reportagens, teses e livros, pude constatar que é expressivo o número de indivíduos que vivenciam as

mesmas dúvidas da minha mãe. Apesar da imagem negativa representada pela própria palavra *aposentar*, já que pode ser entendida como “pôr de parte, de lado”, afastar-se do mundo produtivo configura-se como uma passagem, e por isso requer uma organização e planejamento. Novas práticas para tornar os aposentados ativos e valorizados são fundamentais para o alcance de uma velhice bem-sucedida.

A reflexão sobre idade madura, terceira idade e aposentadoria é atual e relevante, pois o Brasil segue a tendência mundial de envelhecimento da população. Está ocorrendo uma inversão da pirâmide etária, com redução da população de crianças e jovens e o aumento da população adulta e idosa. No período de 1999 a 2009, o peso relativo dos idosos (60 anos ou mais) no conjunto populacional passou de 9,1% para 11,3% (17,9 milhões de idosos), e as projeções do IBGE indicam que em 2050 o Brasil terá 64 milhões de idosos.

Este cenário traz importantes consequências para o mercado de trabalho, para o sistema previdenciário e para os próprios indivíduos que irão aposentar-se. Na percepção de Parraguez (2009), o envelhecimento demográfico não só resulta em mudanças na estrutura populacional, como também

modifica a estrutura da população ativa. São necessárias políticas públicas de saúde, de inclusão social, bem como a orientação para a aposentadoria, com a discussão de temas relacionados à saúde física e mental, empreendedorismo e relações interpessoais.

Na maioria dos casos, a aposentadoria inicia-se concomitantemente, embora não de maneira obrigatória, com os processos da velhice. Na opinião de Santos (1990), a aposentadoria e tampouco a velhice são tratados com a devida realidade, franqueza e maturidade pelo homem adulto, que permanece despreparado e muitas vezes vulnerável a esses eventos. De acordo com França e Vaughan (2008), ainda são poucas as pesquisas sobre as atitudes dos trabalhadores ante a aposentadoria, seus preditores, mitos e preconceitos.

Esse momento de transição, desde a preparação até a vida futura, é um tema relevante de ser estudado, pois cresce cada vez mais o número de homens e mulheres, que trabalharam por 30 ou até 40 anos, em um emprego formal, e de repente se deparam com a possibilidade de usufruírem o tempo livre. Aposentarse, ou deixar o trabalho, que é repleto de significados pessoais, pode ser um grande obstáculo caso ocorra de um modo despreparado.

Os fatores acima caracterizam algumas das razões pelas quais decidi escrever uma reportagem com o tema central aposentadoria, visto que a reflexão e a discussão das suas possíveis consequências, positivas e negativas, podem fornecer elementos para um melhor planejamento do futuro aposentado.

A escolha pelo formato “reportagem” se deu pela admiração por textos de natureza impressionista, mas que não abrem mão da objetividade. Assim como conceituam Sodré e Ferrari (1986), a finalidade da reportagem não é apenas noticiar um fato, mas mostrar o comportamento das pessoas, ou especificamente de um personagem. Entre as principais características desse gênero estão a humanização do relato e a predominância da forma narrativa. Busquei unir esses dois itens ao longo de todo o meu trabalho, sempre tentando aproximá-lo de um conto. Para isso, me esforcei para conectar as características imprescindíveis desse gênero, elencadas pelas autoras citadas acima: força, clareza, tensão, condensação e novidade.

Em relação ao local de apuração, optei pela cidade de Florianópolis em decorrência do dado publicado em uma matéria da Veja, de junho de 2003, que mostrou que entre 1991 e 2000, o número de

aposentados na cidade cresceu 55%, enquanto no restante do Brasil, a média foi de 35%. A ilha, com sua qualidade de vida, é considerada “capital do descanso”.

A decisão pela mídia impressa se deu, principalmente, por afinidade e maior familiaridade com esse universo. É através do texto impresso que me sinto mais a vontade e confiante para contar histórias aos leitores. No entanto, assim como qualquer outra mídia que fosse escolher, sempre soube que faria um trabalho de rua jamais feito anteriormente, a maior apuração realizada ao longo de quatro anos de curso. Clóvis Rossi no prefácio do livro *A Aventura da Reportagem*, de Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho (1990), fala a respeito disso quando diz que:

"Rua pode ser a rua propriamente dita, mas também pode ser um estádio de futebol, a favela da Rocinha, o palanque de um comício, o gabinete de uma autoridade, as selvas de El Salvador, os campos petrolíferos do Oriente Médio. Só não pode ser a redação de um jornal".

Ao realizar esse trabalho de rua para escrever meu TCC, participei do Congresso de Orientação para

Aposentadoria (CONBOA), e uma parte do discurso da psicóloga portuguesa especialista na área, Margarida Pedroso de Lima, me chamou atenção. Ao divagar sobre aposentadoria e envelhecimento, ela afirmou que todos nós discriminamos alguma coisa, às vezes sem nem percebermos. Ressaltou o fato de que nossos discursos são quase sempre de inclusão, no entanto as práticas são de exclusão.

Ao perguntar sobre o que a sociedade deveria fazer diante dessa situação, Margarida salientou a importância de tentarmos eliminar ou reduzir essas barreiras, que já estão enraizadas por todos os cantos. Escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso a respeito desse tema foi a maneira que encontrei de tentar quebrar alguns paradigmas ainda existentes, e de participar, de algum modo, na criação da “velhice do futuro”.

A preparação para estas fases da vida, tanto a aposentadoria quanto a velhice, são processos individuais, mas que dependem do coletivo, e ao finalizar meu TCC, independentemente da nota, sentirei que fiz minha parte, não só como jornalista, mas principalmente como cidadã.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pesquisa e pré-produção

Quando comecei a cursar, no início deste ano, a disciplina de Técnicas de Projeto, encontrei dificuldade no momento de escolher o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Diferentemente da maioria, que já chegava com uma ideia bem estruturada, demorei em torno de um mês para definir o assunto com o qual eu iria conviver pelos oito meses seguintes.

Como comentei anteriormente, percebi que a questão do envelhecimento da população brasileira era cada vez mais pautada pela imprensa, mas que na maioria dos casos, as reportagens abordavam o lado econômico desse fenômeno. Quais as suas causas e, principalmente, consequências para a sociedade? Como o mercado de trabalho será atingido? Existem soluções econômicas e sociais para esta transição demográfica?

Ao me deparar com todas as indagações acima, senti a necessidade de relacionar o aumento da expectativa de vida do Brasil com a questão da aposentadoria. Comecei a refletir e pesquisar sobre o fato de que, há algumas

décadas, a longevidade do brasileiro era em torno de 50 anos, e agora chega a quase 80. Se o indivíduo começa a trabalhar cedo, por exemplo, um professor, quando chega aos 55, em média, já pode se aposentar, porque completa os 35 anos de serviço. Aí estava o meu maior questionamento em relação à saída do mercado de trabalho: o que fazer nos próximos 20, 30 anos que ainda restam pela frente?

Após ler textos sobre o tema, notei que a maioria dos problemas relacionados à aposentadoria decorria do despreparo de grande parte da sociedade para essa nova etapa. Diversos são os casos de pessoas que simplesmente decidiram se aposentar, sem refletir, e acabaram com problemas emocionais e até mesmo físicos. Foi quando decidi que o objetivo do meu trabalho seria mostrar que, quando planejados, a saída do mercado de trabalho e o envelhecimento podem ser encarados de uma maneira positiva.

Durante o mês de maio, intensifiquei minha pesquisa sobre o assunto, e identifiquei-me com diversas produções acadêmicas que focavam na preparação para a aposentadoria, nos programas que são oferecidos em instituições e empresas, justamente com o intuito de tornar essa transição mais tranquila para o indivíduo.

Ao conversar com colegas e amigos, descobri que a própria Universidade Federal de Santa Catarina oferece um programa de preparação para a aposentadoria, chamado *Aposent-Ação*. Li a respeito, consegui o e-mail da responsável pela criação do programa, professora Dulce Helena Penna Soares, e realizei o contato no fim de junho. Ao conversar com ela, naquele mês, conheci um pouco sobre os objetivos e fundamentos desses programas, e consegui pensar em fontes que seriam interessantes para a reportagem.

Como não queria tratar apenas da importância de um planejamento para a aposentadoria, pois achei que faltaria algo no produto final, decidi focar em alguns dos caminhos que as pessoas podem seguir após saírem do mercado de trabalho.

Ao aprofundar a pesquisa e discutir com pessoas ao meu redor, percebi que muitos aposentados decidem aproveitar a nova fase para se dedicar a algum trabalho voluntário. Seja semanal, quinzenal ou mensalmente, tive a impressão de que o voluntariado muitas vezes preenche o vazio causado pela falta de rotina dos recém-aposentados, ao mesmo tempo em que propicia uma série de experiências e aprendizados. Foi quando optei por incluir essa pauta na reportagem.

No entanto, não podia desconsiderar a parcela da população que resolve voltar ao mercado de trabalho. Sempre escutamos sobre casos de pessoas que decidiram resgatar algum hobby antigo – gastronomia, música, pintura, etc. – e voltar a estudar. Muitas vezes pela rotina intensa durante os anos de trabalho, essas paixões e afinidades acabam ficando de lado, e a aposentadoria pode ser o momento ideal de trazê-las à tona. A partir dessa reflexão, outra pauta já estava encaminhada.

Com essas três retrancas definidas, ainda sentia que faltava um desfecho especial, algo mais generalizado, pelo qual todos os aposentados, independentemente de cor, idade e profissão, fossem passar. Foi quando decidi abordar a questão do envelhecimento. Dados do IBGE estimam que até 2050 a nossa pirâmide etária será composta majoritariamente pela terceira idade.

É impossível dissociar essa questão da aposentadoria, afinal, todos que saem do mercado de trabalho, cedo ou tarde, começarão a envelhecer. No entanto, de nada adianta a longevidade, se não houver qualidade de vida. Atividade física, alimentação, acompanhamento médico regular e relações sociais são

alguns dos fatores que contribuem para o que se chama de “envelhecimento ativo”, última pauta do meu TCC.

Instigada pela curiosidade, pois ao mesmo tempo em que conhecia pouco a respeito desse universo, precisava me aprofundar o suficiente para escrever uma reportagem de maneira agradável ao leitor, decidi que abordaria o assunto através de diferentes histórias. Esta fase foi essencial para direcionar o rumo do trabalho, o que foi facilitado pelo fato de a maioria das ideias já estarem no projeto realizado no primeiro semestre. Alterei itens que considere necessários e finalizei a etapa de pesquisa e pré-produção no fim de junho.

4.2 Apuração

Durante o mês de julho, além da pesquisa em sites e artigos, li o livro *Aposent-Ação: programa de preparação para aposentadoria*, da psicóloga perita em previdência Aline Bogoni e da especialista em orientação educacional Dulce Helena Soares. O livro se propõe, além de relatar as experiências do programa da UFSC, a ser um guia para manter o aposentado em ação. A leitura foi de extrema importância para a realização da primeira pauta, no sentido de compreender ao certo o funcionamento de um programa de preparação.

Outra leitura relevante foi *Aposentadoria e Qualidade de Vida*, de autoria da professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) Emiliana Debetir. A obra é resultado da dissertação de mestrado da docente e relata a sua experiência em programas de preparação para a aposentadoria, e como coordenadora do projeto de extensão *Esag Sênior*, que oferece capacitação para pessoas em idade madura.

Em relação à última pauta, sobre envelhecimento, o livro *A bela velhice*, da antropóloga Mirian Goldenberg, se fez fundamental no sentido de me fazer perceber esse processo sob uma nova perspectiva. Ao longo dos capítulos, a autora, após escutar depoimentos de mais de 1.500 entrevistados, sugere alguns passos necessários para envelhecer de forma mais bela e saudável: ter um projeto de vida, aprender a dizer ‘não’, rir muito, enfrentar o medo e buscar felicidade. Tendo como referência o clássico *A velhice*, de Simone de Beauvoir, a antropóloga brasileira no decorrer do livro contesta os mitos do envelhecimento e traça um novo retrato do amadurecimento da população.

Além de livros, teses e sites, alguns filmes contribuíram no processo de construção do panorama “aposentadoria / envelhecimento”. Destaco o drama

Confissões de Schmidt, em que o ator Jack Nicholson interpreta o papel de um homem de idade que acabou de aposentar-se e passa a ter uma rotina monótona. Em meio a acontecimentos como a morte de sua esposa e o casamento da única filha com um homem que ele desaprova, Schmidt (personagem principal) começa a questionar-se em busca do sentido da vida. O filme, além do roteiro excelente, foi imprescindível para compreender um pouco dessa sensação de “vazio” sentida por muitos aposentados.

Outro que auxiliou na construção do cenário de aposentadoria que eu queria passar para os leitores foi o francês *Les Beaux Jours* (Os Belos Dias), que narra a história de uma dentista que ao se aposentar, forçadamente, passa por uma série de mudanças. A pedido das filhas, ela tenta quebrar sua rotina tediosa e inscreve-se em um clube moderno para idosos. Lá ela redescobre a vida, sente-se mais jovem e apaixona-se.

Por último, a comédia *O exótico hotel Marigold*, que mostra a história de um grupo de idosos britânicos que resolvem passar sua aposentadoria em um resort na Índia e acabam tendo algumas surpresas desagradáveis. No entanto, apesar das dificuldades em adaptar-se a uma cultura tão diferente, eles aprendem, com a ajuda

de um jovem indiano, que não existe idade limite para redescobrir a alegria de viver. É justamente essa a ideia que pretendo passar provocar com o meu trabalho, a de que sempre há tempo para traçar novas metas.

Após assistir a esses filmes e ler muito sobre o assunto, senti que a parte teórica já estava satisfatória, que tinha conhecimento o suficiente para começar a falar com as fontes. Era a hora de pôr tudo aquilo que havia sido lido e assistido em prática.

A primeira entrevista, como relatei antes, foi no final de junho com a especialista em orientação educacional e responsável pela criação do *Aposent-Ação*, Dulce Helena Soares. Além de ser considerada uma das pessoas que mais entende dessa área de aposentadoria, o que tornou a entrevista muito enriquecedora, o contato com ela foi essencial para que eu pudesse participar do primeiro encontro do mencionado programa da UFSC, que viria a acontecer no final de agosto.

Na segunda quinzena de julho, entrevistei minha segunda fonte, o psicólogo aposentado do BESC Bruno Werneck de Paula, o qual conheci durante uma experiência de estágio no ano de 2013. Após aposentar-se, Bruno decidiu que queria fazer algo pelo bem de outras pessoas, foi quando inscreveu-se para ser

voluntário no Instituto Guga Kuerten, trabalhando com um grupo com diferentes tipos de deficiência.

O contato com a próxima fonte, Rosiane dos Santos, uma aposentada que retornou ao mercado de trabalho para realizar um sonho antigo, foi acontecer em agosto, mês em que realizei grande parte das entrevistas.

Entre os entrevistados estavam aposentados que decidiram atuar com o voluntariado, outros que, assim como Rosiane, optaram por voltar à rotina laboral, responsáveis por programas de preparação/capacitação para a aposentadoria, pessoas que participaram desses programas, educadores físicos, psicólogos, geriatra.

Durante o processo de apuração, soube que aconteceria em Florianópolis, no fim de setembro, o Congresso Brasileiro de Orientação para a Aposentadoria (CONBOA). Após ler sobre o evento e conferir a programação, percebi que tinha tudo a ver com o meu trabalho e, no início de agosto, mandei um e-mail para a comissão, indagando a possibilidade de participar de algum dos quatro dias do congresso.

Logo em seguida recebi uma resposta informando que iriam consultar a comissão e retornariam o contato. No entanto, não recebi mais nada a respeito, o que foi

frustrante, visto que a participação no congresso seria engrandecedora para o TCC.

Na metade de agosto, entrei em contato com o Departamento de Capacitação da UFSC para me informar sobre o início do *Aposent-Ação*, e pedir o contato do professor Iúri Novaes Luna, atual coordenador do programa. Além de conseguir o e-mail dele, também pude saber que o primeiro encontro do grupo aconteceria no dia 29 de agosto.

No mesmo dia, mandei e-mail ao professor, explicando sobre o meu trabalho e falando da importância de participar da abertura do programa, justamente por ser o dia em que os futuros aposentados iriam se apresentar, contar suas histórias e falar sobre o porquê de estarem ali. Além disso, o que considerava ainda mais relevante era estar em contato com aquelas pessoas, fazer parte do universo delas (mesmo que por uma tarde), reparar nos detalhes, perceber seus medos, angústias e expectativas em relação à aposentadoria.

A abertura do programa aconteceria em uma sexta-feira, dia 29, às 14h. Até a terça, dia 26, o professor não havia me respondido. Quando entrei em contato novamente com o departamento de capacitação, quem atendeu ao telefone foi uma bolsista da psicologia que,

por coincidência, realizaria seu estágio no *Aposentação*. Foi quando ela me disse que o professor demorava para responder e-mails, expliquei a situação e a bolsista disse que não teria problemas de eu participar.

No final de tarde da quinta-feira que antecedia ao primeiro encontro, o professor respondeu o e-mail, para a minha decepção, dizendo que no momento de abertura era mais adequado que estivesse apenas a equipe que iria trabalhar com o grupo. Disse que se preocupava com a possibilidade de os inscritos não sentirem-se à vontade sendo observados para um trabalho acadêmico, além da questão do sigilo das informações.

Expliquei que o objetivo do meu trabalho não era contar a história daquelas pessoas, que já possuía as fontes que precisava, e que a minha intenção em participar era mais para sentir o ambiente, conhecer o grupo. Ressaltei que estar presente, em especial naquele primeiro momento, seria de extrema relevância para o meu TCC e que, quanto ao sigilo das informações, não divulgaria nada sem o consentimento das pessoas.

Após relutar um pouco, ele disse para eu chegar um pouco antes do horário do programa, para conversarmos melhor e decidirmos o que fazer. No dia, ao nos encontrarmos na UFSC, lembro que ele veio logo

falando “Então és tu a menina persistente do e-mail? (risos)”. Depois de dialogar sobre o TCC, contei que havia entrevistado a Dulce Helena Soares (responsável pela criação do programa) e que foi ela tinha sugerido que eu participasse de algum encontro.

Ele explicou que a maior preocupação era porque aquele primeiro dia tinha um lado terapêutico, com emoções envolvidas, que as pessoas abriam-se completamente ao contar suas histórias. Por fim, acabou consentindo com a minha presença.

Sem nenhuma dúvida, participar da abertura do *Aposent-Ação* foi uma das experiências mais enriquecedoras e emocionantes do TCC. Depois de ler e ver filmes sobre o assunto poder estar perto daquelas pessoas, repletas de dúvidas, anseios, incertezas, fez toda a diferença no sentido de humanizar a reportagem.

De acordo com Ijuim (2012), esse processo de humanização deve começar já antes do momento da pauta, na consciência do jornalista. O autor defende que o jornalismo humanizado produz narrativas em que o homem é o ponto de partida e de chegada, e que durante o trabalho de apuração, deve-se buscar versões verdadeiras e não, necessariamente, produzir a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas

com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo.

Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos de comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. (Ijuim, 2012, p.133)

Além de ter me proporcionado a oportunidade de humanizar, de certa forma, a minha reportagem, o professor Iúri acabou contribuindo ainda mais para a realização do meu trabalho. No final do encontro, ele comentou sobre o congresso que iria acontecer e disse que seria enriquecedor para a minha pesquisa. Expliquei que já havia mandado e-mail para o contato que estava no site, mas que não havia obtido resposta. Para minha alegria, o professor disse que tinha o e-mail pessoal da responsável pela organização, o que poderia me facilitar o contato. Através dessa ajuda do Iúri, consegui o crachá para participar de dois dias do congresso.

No mesmo período em que participei do *Aposentação* e fiz contato com o pessoal do congresso, entrevistei uma assistente social da Udesc, responsável

por criar na instituição um programa que, até então, eu acreditava ser “semelhante” ao da UFSC. Durante a nossa conversa, fui informada que ele só aconteceu no ano de 2009. A direção da universidade mudou, e por questão financeira, não quiseram dar continuidade ao projeto.

Visivelmente decepcionada com a situação, mas querendo ajudar o andamento do meu trabalho, a assistente social mencionou sobre o *Esag Sênior*, programa de extensão oferecido à comunidade, para pessoas acima dos 45 anos. Apesar de não ser propriamente uma orientação para aposentadoria, ele funciona como uma espécie de capacitação, com duas vertentes principais: empreendedorismo e voluntariado, em que pessoas da idade madura podem ter o acesso ao ambiente universitário.

Como um dos objetivos do TCC era elencar possibilidades para a fase da aposentadoria, considerei interessante abordar o *Esag Sênior*, justamente por ser um meio de se manter ativo, voltando ou, para alguns, começando a estudar matérias de um curso superior. Entrei em contato com a coordenadora do programa, Gisele Kersten, e agendamos uma entrevista.

No dia, também estive presente uma das professoras do programa, Emiliana Debetir, que acabou participando junto da entrevista. As duas foram muito receptivas, esclareceram todas as minhas dúvidas e, quando perguntei se teria como participar de uma aula com o grupo, concordaram no mesmo momento.

Na primeira semana de setembro, estive presente em uma das aulas, junto a 25 alunos, com uma faixa etária variando dos 45 aos 70. O encontro começou às 14h, com uma palestra de uma ONG que acolhe dependentes químicos no Estado, teve intervalo de 20 minutos, e depois uma representante da Associação de Voluntários da Saúde do Hospital Infantil Joana de Gusmão (AVOS) fez outra palestra, que acabou às 18h.

O entusiasmo daqueles alunos, com certa experiência de vida, chegando com pastas, cadernos e canetas, fazendo anotações todo tempo chamou muito a minha atenção. O interesse deles em fazer perguntas sobre o assunto das palestras, levando o dedo e esperando serem atendidos remeteu-me aos tempos de ensino infantil e me surpreendeu de maneira positiva.

Um público heterogêneo, que varia desde donas de casa, pessoas que não tiveram a oportunidade de fazer um ensino superior a funcionários da Secretaria da

Fazenda, radialista, especialistas na área da informática. Homens e mulheres, alguns aposentados e outros não.

Estar em contato com a turma da *Esag Sênior* foi relevante no sentido de perceber que há sim oportunidades para os mais velhos da nossa comunidade. A possibilidade de voltar a estudar e ter um curso como aquele, em que são ministradas matérias de marketing, administração, recursos humanos, planejamento de carreira, já é um começo. Não só pelo conhecimento que eles adquirem em sala, mas principalmente pelas relações sociais que ali se dão, algo que é indispensável quando se fala em envelhecimento e qualidade de vida.

Para a última retranca, sobre envelhecer de maneira saudável, estive presente em algumas aulas de um projeto para a terceira idade, oferecido por uma rede de supermercados da capital. Pude acompanhar encontros na sede do Santa Mônica, Capoeiras e Jardim Atlântico. Nas três situações, era perceptível a empolgação de cada um dos alunos, chegando com seus colchonetes, conversando como se fossem amigos há anos.

Em um desses encontros, conheci um senhor que acabou se tornando uma fonte para a retranca sobre voluntariado, Seu Antônio Munhoz, de 76 anos, que

realiza trabalho voluntário. Conversamos em algumas ocasiões e decidi que ele seria uma boa história a ser contada.

Outro acontecimento que foi de extrema importância para a pauta sobre o envelhecimento saudável foi ter assistido *A revolução da longevidade*, uma edição do programa Café Filosófico da TV Cultura, com o gerontólogo Alexandre Kalache. Soube que o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da UFSC realizaria um encontro no auditório do Hospital Universitário, na manhã de sábado do dia 4 de outubro, para assistir ao vídeo e debater alguns itens acerca do assunto.

O palestrante da edição, Alexandre Kalache, médico e um dos mais reconhecidos estudiosos da velhice, fala sobre essa revolução e como ela transforma o nosso jeito de ver e planejar a vida. Ao longo dos 50 minutos do programa, traz diversos dados e apontamentos interessantes sobre o envelhecimento da população, e ao mesmo tempo condizentes com a ideia do meu trabalho.

No dia estavam presentes no auditório dez pessoas, todas com idade acima dos 50, e eu, o que causou certo estranhamento no grupo, mas depois expliquei o motivo de estar ali. Ao término do vídeo, foram levantadas questões sobre o tema e comparações com as décadas

anteriores, com a mudança de comportamento da sociedade, o sentido do trabalho, entre outros. A experiência foi enriquecedora, sobretudo pelos dados, registros e outros detalhes transmitidos pelo vídeo.

4.2.1. Fontes

Em se tratando de aposentadoria e envelhecimento, o universo referente ao tema é abrangente, tanto em relação às pautas que poderiam ser abordadas, quanto ao que diz respeito às fontes. Para tentar deixar a reportagem uniforme e padronizada, até mesmo para que as histórias não fossem tão destoantes em relação a fatores econômicos, decidi que os entrevistados seriam todos aposentados do setor público, de classe média, e que fossem pessoas que, como sugere a reportagem, se planejaram de alguma forma para o momento da aposentadoria. Seja financeiramente ou com projetos referentes ao futuro.

Após ler sobre programas de preparação/orientação para a aposentadoria, notei que os autores são unânimes ao afirmar que é muito raro que empresas privadas adotem essa iniciativa. Já a realidade do setor público é outra. Houve um avanço da legislação

neste sentido, ao ser previsto, no Estatuto do Idoso, Lei no 10.741, de 1o de outubro de 2003, artigo 28, que a preparação para a aposentadoria é uma obrigação a ser estimulada pelo poder público. Visto isso, resolvi que iria abordar a questão dos programas apenas nesse setor, pois é o que tem mais experiência e prática no assunto.

Ao todo foram 22 pessoas entrevistadas, sendo que 20 pessoalmente e só duas por e-mail, por motivo de incompatibilidade de horários. Realizava o contato com a fonte através de telefone ou e-mail, explicava sobre o meu TCC e marcava a entrevista. O contato com cada uma delas se deu no mínimo duas vezes.

O gravador foi usado nas 20 entrevistas, guiadas sempre por um roteiro de perguntas que eu havia feito anteriormente. No entanto, muitas vezes ao longo das conversas surgiam outras questões interessantes, que mudavam um pouco o rumo da entrevista. Em média, elas duravam de 30 a 60 minutos, o que acabou exigindo bastante trabalho na hora de transcrevê-las.

Alcimar Sagás – Bibliotecária aposentada da Universidade do Estado de Santa Catarina. Trabalhou 22 anos na instituição e foi uma das privilegiadas a participar da única edição do Viver Udesc, programa de

orientação para aposentadoria, que aconteceu em 2011. Ajudou a entender o funcionamento do programa.

Antônio Munhoz – Paulista, 76 anos, aposentado após trabalhar como contabilista durante 35 anos. Mudou-se para Florianópolis em 1995 para exercer o voluntariado. Desde então, trabalha na construção de igrejas e outras obras pelo estado. Todo mês viaja junto com outros voluntários durante uma semana e é responsável pela parte da cobertura das construções, fazendo o telhado.

Bruno Werneck de Paula – psicólogo aposentado do BESC que trabalha atualmente de forma voluntária com o Grupo Inclusivo – pessoas com deficiência – no Instituto Guga Kuerten. Entrei em contato por e-mail, combinamos de nos encontrar para a entrevista, e depois acompanhei seu trabalho durante uma tarde, para fotografar e sentir o clima do ambiente.

Carlos Lima – Capitão militar, aposentou-se no final de 2008. Não conseguiu adaptar-se a vida de aposentado e quando recebeu uma proposta para voltar, em 2009, não pensou duas vezes. Hoje é assessor de comunicação

social da 14^a Brigada de Infantaria Motorizada. Por motivo de edição, não entrou na reportagem.

Denise Nascimento Buss – Professora das séries iniciais, aposentada pelo Colégio de Aplicação. Há dois anos e meio, montou uma biblioteca em sua casa para atender voluntariamente crianças da comunidade de Santo Antônio de Lisboa. Além do empréstimo de livros, ela trabalha a leitura e interpretação de texto durante as segundas-feiras.

Dulce Helena Soares – Professora aposentada do departamento de Psicologia da UFSC e responsável pela criação do programa *Aposent-Ação*, promovido pela instituição. Um dos nomes de maior destaque na área de orientação e reorientação profissional, mercado de trabalho, projeto de futuro, aposentadoria, tempo livre e programa de orientação para aposentadoria.

Eleonora D’Orsi – Médica com mestrado e doutorado em Saúde Pública/Epidemiologia e professora do Departamento de Saúde Pública e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFSC. Foi uma das

fontes da retranca sobre envelhecimento saudável e uma das únicas que entrevistei por e-mail.

Emiliana Debetir – Administradora e professora da disciplina *Projeto Empreendedorismo* que compõe a grade curricular do programa de extensão *Esag Sênior*. É também autora do livro *Aposentadoria e Qualidade de Vida*, que foi essencial para a realização dessa reportagem.

Giselle Kersten – Economista e advogada na área trabalhista, mas com foco acadêmico. É a atual coordenadora do programa *Esag Sênior*. Foi quem me explicou detalhadamente sobre o programa – história, objetivos, funcionamento, resultados – e me viabilizou a possibilidade de assistir um dia de aulas junto ao grupo.

Harrysson Luiz da Silva – Professor da disciplina *Geografia da População* do curso de Geografia da UFSC. Foi o responsável por esclarecer, através de e-mails, algumas questões a respeito do envelhecimento acelerado da população brasileira, o que isso representa para a nossa sociedade e as consequências para o futuro.

Iúri Luna Novaes – Professor adjunto do Departamento de Psicologia da UFSC, atuando principalmente na área da psicologia organizacional e orientação profissional. Atual coordenador do programa *Aposent-Ação* e uma das principais fontes desse TCC, não só por todo o conhecimento que me transmitiu, mas também por tornar possível a minha participação no Congresso de Orientação para Aposentadoria.

Juliane Ferrari – Médica com especialidade em Clínica Médica e Geriatria, atuando no setor público em Florianópolis. Foi a fonte da área da saúde que me possibilitou o conhecimento a respeito dos objetivos da geriatria, fatores que contribuem para a longevidade, tipos de prevenção, diferenças entre o envelhecimento do homem e da mulher, qualidade de vida.

Leonardo Marmitt – Educador físico responsável pela criação do *Projeto Angeloni Matinal*, que trabalha resistência, fortalecimento, aeróbio com pessoas da terceira idade de diferentes comunidades.

Lizete de Fátima – Educadora aposentada da Rede Municipal de Blumenau. Participou do programa *Esag*

Sênior e, após isso, resolveu abrir no ano passado uma loja de decoração, que sempre foi sua paixão. Por motivo de edição, ficou fora da reportagem também.

Marcelo Parisi – Trabalha no Tribunal de Justiça de Santa Catarina, na Diretoria de Recursos Humanos e Divisão de Acompanhamento e Desenvolvimento de Pessoal. Um dos responsáveis pelo programa de preparação para aposentadoria, oferecido aos funcionários desse Tribunal.

Margarida Pedrosa de Lima – Psicóloga portuguesa e professora na Universidade de Coimbra. Foi uma das conferencistas do Congresso Brasileiro de Orientação para Aposentadoria (CONBOA), que aconteceu em setembro em Florianópolis, onde tive a oportunidade de entrevistá-la.

Mirian Ghizoni – Psicóloga formada pela UFSC que teve a oportunidade de realizar seu estágio no programa *Aposent-Ação*, durante um semestre.

Regiani Parisi – Professora aposentada do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) que resolveu dedicar

seu tempo livre a um hobby antigo: a música. Hoje faz parte de uma banda de MPB da ilha, a Sabor Brasil.

Rosiane dos Santos – Funcionária aposentada do BESC. Ao se aposentar, decidiu estudar uma grande paixão de infância, a gastronomia. Hoje é chef de cozinha da nova filial do restaurante Quatro Estações, localizado no Santa Mônica.

Salette Pompermaier – Assistente Social da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), responsável por criar o programa *Viver Udesc*, direcionado a pessoas próximas à fase de aposentadoria.

Dra. Vivian Leyser – Professora aposentada do Centro de Ciências Biológicas da UFSC que participou durante um semestre dos encontros do programa Aposent-Ação, com o objetivo de reservar um tempo para refletir sobre o momento da aposentadoria, que estava chegando.

Zafiria Steiner – Funcionária aposentada da Secretaria da Fazenda. Resolveu aproveitar a fase da aposentadoria para se dedicar ao estudo de Filosofia. A entrevista

acabou não entrando na série de reportagens por questões de edição.

4.3 Produção dos textos

A redação das matérias só teve início quando todas as entrevistas já haviam sido realizadas e transcritas, o que se deu no início de outubro. Primeiramente, elaborei um roteiro com os tópicos mais importantes que deveriam estar inseridos em cada texto e fiz uma divisão inicial, com um abre seguido de quatro reportagens que iriam compor a série.

A maior dificuldade foi lidar com a quantidade de informações, pois eram páginas e mais páginas de transcrições de entrevistas no Word, somadas a dados, anotações e números que também eram indispensáveis. Organizar o esqueleto do trabalho auxiliou muito na hora de produzir os textos, pois a partir dali, eu sabia quais informações não poderiam ficar de fora.

Ao conversar com o orientador, concluímos que seria melhor começar pelas quatro matérias e deixar para escrever o abre no final, pois ele iria funcionar como uma espécie de resumo, para contextualizar, e

adiantar os temas que seriam tratados posteriormente. Estipulei que iria produzir uma reportagem a cada semana, e nos domingos enviaria ao orientador.

No dia 26 de outubro, as quatro reportagens da série já haviam sido encaminhadas, duas estavam prontas, após algumas correções sugeridas pelo orientador. Com exceção do abre, elas foram enviadas a ele na ordem em que iriam aparecer no produto final.

A primeira foi *“Por uma parada sem freio de mão”*, sobre a importância de uma preparação para a aposentadoria. A segunda foi *“A busca por sonhos adormecidos”*, que conta histórias de pessoas que, após se afastarem do trabalho, resolveram resgatar hobbies antigos. Em seguida, encaminhei *“Fazer o bem faz bem”*, que aborda a prática do voluntariado na fase da aposentadoria. E por último, *“Só não vale enrugar a alma”*, que trata do envelhecimento da população e de qualidade de vida.

Desde o início da elaboração do projeto, tinha em mente a ideia de intercalar a apuração bruta (números, dados de pesquisas, informações passadas por especialistas em algumas áreas, etc.) com histórias e relatos, que é o que prende a atenção do leitor. Tentei,

ao longo da série de reportagens, usar uma linguagem leve e acessível, para tornar a leitura a mais agradável.

Finalizei a reportagem no final do mês de outubro, após ter feito o abre, que havia ficado faltando.

4.4 Diagramação e edição

No início da produção dos textos, ao comentar que não era uma grande fã do InDesign com uma amiga e ex aluna do mesmo curso da UFSC, ela se ofereceu para diagramar o produto final, pois era uma área em que tinha facilidade e adorava trabalhar. Conversamos a respeito do que eu havia pensado sobre da diagramação, e no dia 4 de novembro enviei todos os textos e as fotos que eu havia feito para ilustrar a série de reportagens, facilitando a leitura ao público.

Para poder imprimir no formato de revista, em páginas A3, o texto precisava estar diagramado em um número de página múltiplo de quatro, por isso o conteúdo precisou ser organizado para que coubesse nesse formato. O produto final ficou com 24 páginas e aproximadamente 80 mil caracteres, divididos em um abre, com quatro mil caracteres, e quatro reportagens, com cerca de 19 mil cada.

A edição dos títulos, linhas finas, olhos e legendas havia sido feita por mim na hora da produção dos textos, mas no momento de dispor nas páginas alguns reajustes precisaram ser feitos para caber perfeitamente no espaço destinado a esses itens.

No projeto gráfico quatro fontes diferentes foram utilizadas. Na capa, para o título da reportagem foi usada a fonte *Bernard MT Condensed* e para a linha fina e o nome da autora, optei por *Perpetua* em itálico. Nos títulos das quatro reportagens, a fonte escolhida foi *GeosansLight* e as linhas finas abaixo dos títulos ficaram com a fonte *Perpetua* em itálico e negrito. O corpo da reportagem e as legendas das fotos estão em *Perpetua*, regular e itálico, respectivamente, tamanho 12. As capitulares ocupam quatro linhas, e para os olhos-detalhes e citações a fonte escolhida foi *Tw Cen Mt*, itálico.

Determinei que a diagramação seguiria um padrão de colunagem específico. Sendo assim, cada uma das páginas foi diagramada em duas colunas. Os olhos-detalhes e citações seriam grandes – com até oito linhas – e com um espaçamento maior para poder se destacar do corpo do texto.

Em relação às imagens, por se tratar de um tema que ninguém tem medo ou vergonha de falar, consegui fazer fotos da maioria das fontes. No entanto, como o texto final acabou ficando maior do que o imaginado, o número de imagens teve que ser reduzido para dar prioridade às palavras.

A avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso deve ser feita com base na redação e edição. Optei por diagramar e ilustrar com fotos por uma questão visual, para facilitar a leitura pela banca examinadora e para deixar a reportagem mais parecida com uma publicação de revista. A leitura também se torna mais agradável ao leitor, e esse consegue visualizar os personagens das histórias da reportagem devido às imagens registradas.

5 IMPRESSÃO

A impressão da revista foi feita na gráfica *Recicla Print* em Florianópolis. Utilizei o papel Couchê 120g para a capa e para o miolo. O tamanho final ficou em A4 e referência de cor CMYK. O objetivo era ter uma publicação muito parecida com o formato de uma série

de reportagens para revista, pensada para ser publicada semanalmente.

Após feita a diagramação, fiz uma impressão piloto da reportagem. Essa primeira tentativa serviu para corrigir erros de alinhamentos, margens e para realizar uma última revisão dos textos – a fim de evitar erros ortográficos e de digitação. O valor total da impressão do projeto e do relatório técnico ficou em R\$160,00.

6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Durante a realização do TCC, a maior dificuldade foi trabalhar com a quantidade de informações coletadas, tanto as obtidas através de entrevistas quanto as referentes a livros, artigos, documentários, dados de instituições. Quando sentei para começar a escrever, fiquei sem saber por onde começar, pois tinha muita coisa para redigir e pouco espaço para colocar, o que se tornou um problema na hora da edição, quando tive que deixar bastante informação de fora.

Em relação às entrevistas, não tive muitos problemas, pois como era um assunto leve, sem grandes implicações, as fontes falaram abertamente. A única

dificuldade foi devido à incompatibilidade de horários, conciliar os encontros com as fontes no período oposto ao estágio e às aulas. Por sorte, meu supervisor do estágio compreendeu a situação e me liberou para chegar mais tarde ou sair mais cedo algumas boas vezes.

Sobre a redação, um desafio foi escrever reportagens grandes, com cerca de 19 mil caracteres cada, mesclando histórias de diferentes pessoas, com informações obtidas em uma apuração dura (dados mais históricos, referentes à pesquisas e estudos), depoimentos de profissionais das mais diversas áreas. Abordar todos esses itens de uma maneira coerente, que seguisse uma determinada lógica e sequência, e ainda de uma maneira agradável ao leitor, foi algo que precisei refletir e planejar bastante.

Através das sugestões do orientador, consegui deixar o texto mais fluido, pois certas vezes alguns trechos com números e dados históricos acabaram ficando formais quando comparados à leveza das partes mais narrativas. Tentei mesclar informações oficiais e termos específicos com essas histórias de vida, com o objetivo de conseguir atrair o leitor a cada parágrafo, sem que o texto ficasse cansativo e tedioso.

Após oito meses de intensa dedicação, trabalho e organização, hoje termino meu TCC com a consciência leve e a sensação de dever cumprido. Ao olhar para trás, percebo que realizei uma pesquisa densa, assisti a diversos filmes, analisei incontáveis artigos, teses e estudos, li muitos livros a respeito, conversei com fontes de diversas áreas, transcrevi horas de entrevistas, fiquei nervosa ao me dar conta da quantidade de informação que teria que lidar.

Todo esse processo se deu com a intenção de fazer um trabalho completo, com histórias interessantes, mas também rico em informações e detalhes. Mostrar aos leitores uma nova perspectiva, proporcionar um novo olhar sobre esse tema tão polêmico, relevante e atual que é a aposentadoria e o envelhecimento da população brasileira. E, felizmente, termino satisfeita e orgulhosa ao ver o resultado de todo meu trabalho.

7 REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O caracol e a sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSSÉ, R., ALDWIN, C. M., LEVENSON, M. R., & WORKMAN Daniels, K. How stressful is retirement? Findings from the Normative Aging Study. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, v. 46, n.1, p. 9-14, 1991.

COOPERMAN, E. M. Retirement prepare now. **CMA Journal**, v. 117, p. 421-422, 1977

DEPS, V. L. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. *In*: NERI, Anita L. **Qualidade de vida e idade madura**. São Paulo: Papirus, 1993.

DIMENSTEIN, G. ; KOTSCHO, R. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

FISKE, M. **Meia idade a melhor época da vida?** São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

FRANÇA, L. H. **Repensando a aposentadoria com qualidade**: um manual para facilitadores de programas de educação para aposentadoria em comunidades. Rio de Janeiro: CRDE UnATI UERJ, 2002.

FRANÇA, L. H.; VAUGHAN, G. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses

frente à aposentadoria Maringá: **Psicologia em Estudo** v.13, n.2, p. 207-216. abr./jun, 2008.

IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. São Paulo: **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.2, p. 117-137, maio/ago. 2012.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NERI, A. A. O envelhecimento no universo do trabalho: desafios e oportunidades depois dos 50 anos. *In*: BARROS JÚNIOR, J. C. (org.). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. São Paulo: Edicon, 2009.

PARRAGUEZ, P. O. Mulheres de terceira idade e sua relação com o trabalho: expectativas de qualidade de vida. *In*: BARROS JÚNIOR, J. C. (org.). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. São Paulo: Edicon, 2009.

QUICK, H. E.; MOEN, P. Gender, employment, and retirement quality: a life course approach to the differential experiences of men and women. New York: **Journal of Occupational Heal Psychology**, v. 3, n.1, p. 44-64. 1998

SANTOS, M. de F. S. de. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SCHEIN, E. **Psicologia organizacional**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1982.

SINÉSIO, N. B. O. **Universidade da melhor idade: uma proposta salesiana para idosos.** Campo Grande: UCDB, 1999, p. 60-73.

SKINNER, B.F.; VAUGHAN, M.E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida.** São Paulo: Sumus, 1985, p. 69-80.

SOARES, D. H. P.; COSTA, A. B.; Rosa, A.M.; Oliveira, M. L. S. de. Aposenta-ção: programa de preparação para aposentadoria. Florianópolis: **Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento**, 2007.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

WITCZAK, M. V. C. **Envelhecer ao aposentar-se:** discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecer e o subjetivar. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

ZANELLI, J. C.; SILVA. **Programa de preparação para aposentadoria.** Florianópolis: Insular, p. 17-34. 1996.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** Porto Alegre: UFRGS, v. 12, n. 2, p. 479-501, 1999

